



A TEMÁTICA DA ARTE SOB UMA PERSPECTIVA MARXISTA

THE THEME OF ART UNDER A MARXIST PERSPECTIVE

Leonardo Envall Diekmann¹

¹ Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI), graduando em Teologia pela URI, Santo Ângelo, RS, Brasil. Contato: diekleo@hotmail.com

Resumo: O artigo busca elucidar a relação entre a arte e o trabalho segundo a visão marxista, perpassando a concepção do homem enquanto ser social e necessitado, criador e doador de sentido ao mundo a ser humanizado. O texto trata da visão da arte como instrumento/objeto de expressão, exteriorização e objetivação da essência humana, através do desenvolvimento das potencialidades criativas do homem. Este por sua vez é apresentado como sujeito de necessidades físicas e espirituais a serem satisfeitas pela ação humana criadora do trabalho e sua íntima relação com a arte. Aborda-se também a forma como a *Indústria Cultural* molda a maneira de pensar e assim condiciona o agir dos homens na sociedade moderna.

Palavras-chave: Alienação. Arte. Homem. Indústria Cultural. Trabalho.

Abstract: The article seeks to elucidate the relation between art and work according to the Marxist vision, passing through the conception of man as a social being and in need, creator and donor of meaning to the world to be humanized. The text deals with the view of art as an instrument / object of expression, exteriorization and objectification of the human essence, through the development of the creative potentialities of man. This in turn is presented as a subject of physical and spiritual needs to be satisfied by the human action that created the work and its intimate relationship with art. It also discusses how the Cultural Industry shapes the way of thinking and thus influences the behavior of men in modern society.

Resumo e palavras-chave em inglês

Keywords: Alienation. Art. Men. Cultural Industry. Work.

INTRODUÇÃO

As ideias de Marx¹ possuem relação direta com problemas estéticos e artísticos fundamentais: a arte e o trabalho, o homem como criador e doador de sentido para o

¹ Karl Marx nasceu aos 5 de maio de 1818, em Treves, capital da província alemã do Reno, filho do advogado e conselheiro de justiça Hirschel Marx e de Enriqueta Pressburg, descendente de tradicional família judia, que contudo não exercia influência religiosa sobre o filho. Iniciou os estudos em Direito na Universidade de Bonn sem muito interesse e somente completou o curso, por vontade paterna, posteriormente, na universidade de Berlim, onde, afastando-se da área jurídica por causa da apaixonada descoberta da História e da Filosofia, receberia a densa influência hegeliana que marcaria, pela adesão e pela crítica, seus trabalhos futuros. Provavelmente foi também em Berlim



mundo e os objetos, a natureza social e criadora da arte, a relação entre arte, conhecimento, ideologia² e a realidade, a criação artística na sociedade capitalista. Marx, em seu pensamento, não constitui uma doutrina estética³, o que não diminui esta como um aspecto essencial de sua análise e concepção do homem e da sociedade.

Como criador, o homem tem a oportunidade de exercitar suas forças criativas, essenciais, frustradas, negadas ou potencializadas. O homem tornar-se-ia assim, o ser supremo para o próprio homem. Porém, quando alienado, o homem nega-se na atividade que desenvolve, tornando-se um mero instrumento de propagação da lógica de mercado que rege a sociedade. Adorno⁴, posteriormente, irá conceber a arte como um instrumento de massificação da população através da utilização, principalmente, do rádio e do cinema, fazendo desta, instrumento de dominação e alienação, tornando-a, nas palavras de Marx, mera atividade de subsistência, fazendo de seu criador um trabalhador assalariado.

que teve contato com o socialismo vindo da França, e que determinaria irreversivelmente suas convicções. Doutorou-se em Filosofia em 1841, e em 1843 casou-se com Jenny von Westphalen, com quem teve quatro filhos, três deles vindo a falecer ainda na infância. Tendo residido em diversos lugares da Europa, morreu em Londres aos 14 de março de 1883. Sua vastíssima e muito densa produção teórica, com a importante participação de Friedrich Engels (1820-1895), colocou as bases para a posterior afirmação da Economia como ciência. Formulou a mais completa crítica do capitalismo, dando a forma teórica de sua superação pela implantação do comunismo. A maior e mais importante obra de Karl Marx são os três volumes de *O Capital*, dos quais apenas o primeiro pôde ser publicado em vida do autor (MARX, 2004, p. 6-22).

² [...] a crítica de Marx e Engels procura mostrar a existência de um elo necessário entre formas "invertidas" de consciência e a existência material dos homens. É essa relação que o conceito de ideologia expressa, referindo-se a uma distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta. Em consequência disso, desde o início, a noção de ideologia apresenta uma clara conotação negativa e crítica (GUIMARÃES, 2001, p. 183).

³ Não há, nos escritos de Marx e de Engels, uma teoria sistemática da arte, embora ambos tenham manifestado, desde o início e ao longo de sua vida intelectual, grande interesse pela estética e pelas artes. Os vários e curtos trechos em que trataram dessas questões vieram a constituir a base de numerosas tentativas, em particular nas últimas décadas, de produzir uma estética especificamente marxista (GUIMARÃES, 2001, p. 138).

⁴ Theodor Adorno foi um filósofo alemão, de origem judaica que viveu no início do século XX e desenvolveu sua reflexão filosófica em meio ao cenário da segunda guerra mundial. Adorno foi um dos integrantes do grupo chamado "Escola de Frankfurt", que desenvolveu uma teoria crítica frene ao totalitarismo presente na segunda guerra. "[...] esses pensadores pretendiam, por um lado, analisar as causas e as consequências do fracasso das revoluções socialistas europeias e, por outro, lutar como teóricos políticos contra a ideologia nacional socialista e, de modo mais geral, contra todas as formas de dominação totalitária" (HUISMAN, 2001, p. 9). Para um maior aprofundamento da teoria estética de Adorno recomenda-se o estudo da obra: ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.



Posto tais elementos introdutórios, o presente artigo busca abordar a temática da arte sob uma perspectiva marxista, analisando a arte como produto da criação humana, resultado da exteriorização das potencialidades do ser humano, onde o artista através do processo criativo expressa seus sentimentos, pensamentos, o mundo, a realidade que o circunda e, por vezes, a classe social a qual o pertence ou a qual se sente sensibilizado. Bem como o processo pelo qual a arte torna-se um trabalho alienado a medida em que o artista encontra-se a serviço do grande mercado, submetido as regras da oferta e da procura, “onde a arte é negada sempre que privada de sentidos ou referências éticas, teóricas, espirituais” (ROSIN, 2007, p. 102), suscetível à uma padronização, tornando-se mera mercadoria e as consequências disso para o ser humano.

2 A ARTE COMO PRODUTO DA CRIAÇÃO HUMANA

Enquanto ser total e desalienado o homem tem a capacidade de desenvolver suas potencialidades criativas, prefigurando a apropriação especificamente humana das coisas e da natureza humana no exercício de sua liberdade. A estética marxista se ocupa com uma concepção aberta, que não mutila a riqueza, a diversidade e o dinamismo da arte ao longo de seu desenvolvimento histórico até nossos dias, na busca contínua por diferentes interpretações.

Assim como o trabalho deve ser espontâneo, livre, consciente, natural e realizador, sendo uma atividade empírica que abrange a relação sujeito-espécie, constituindo a si mesmo a partir da história, também a arte assim o deve ser, a fim de que se estabeleça uma relação harmoniosa entre homem e natureza, onde ele (homem) a humaniza e ela (natureza) o naturaliza, realizando seus projetos por meio de sua capacidade criativa e inovadora. Sendo assim, a realização humana não se dá de maneira egoísta, mas em harmonia com a natureza, na interação com os demais seres humanos, por meio da exteriorização da subjetividade humana.



A arte⁵ é justamente entendida como parte da superestrutura⁶ da sociedade, achando-se vinculada aos interesses de determinada classe⁷ que compõe a sociedade, isso denota sua natureza ideológica. Entretanto, a obra de arte não se reduz apenas a uma ideologia, pois implica também nas ideias políticas, morais e religiosas que o artista integra numa totalidade da estrutura artística que compõe a obra:

A obra de arte supera assim o *húmus* histórico-social que a fez nascer. Por sua origem de classe, por seu caráter ideológico, a arte é expressão do dilaceramento ou divisão social da humanidade; mas por sua capacidade de estender uma ponte entre os homens através da época e das sociedades de classe, a arte revela uma vocação de universalidade, e prefigura de certo modo, o destino universal humano que só chegará a realizar-se efetivamente numa sociedade, mediante abolição dos particularismos, materiais e ideológicos de classe (VÁZQUEZ, 1978, p. 27).

Fato é que as ideologias de classe vêm e vão, mas a verdadeira arte permanece desde que sua natureza específica consista em um transcender os limites ideológicos que a tornou possível, sobrevivendo assim, através de sua vocação de universalidade, tornando-se sempre atual, enquanto produção humana. A obra de arte não vive da ideologia que inspirou o artista em sua criação, nem da condição de reflexão da realidade. Vive por si mesma como realidade própria na qual se integra o que ela expressa ou reflete. “Uma obra de arte é, antes de mais nada, uma criação do homem, e vive graças à potencialidade criadora que encarna” (VÁZQUEZ, 1978, p. 46).

Enquanto produto da criação humana a arte é conhecimento. O artista ao desenvolver o processo criativo busca expressar o mundo, a realidade, e por vezes a classe à qual pertence, aproximando-se da realidade a fim de captar as características essenciais, provocando a reflexão diante do retratado na obra. Nas palavras de Hegel, “a arte é a manifestação sensível da ideia” (HEGEL *apud* VÁZQUEZ, 1978, p. 33).

⁵ [...] a bela arte é uma espécie de representação cujo fim está em si mesma e, portanto, proporciona prazer desinteressado (ABBAGNANO, 2007, p. 82).

⁶ Superestrutura é compreendido como as formas de consciência social, tais como a política, a filosofia, a religião, as ciências, as artes, etc. A superestrutura compreende assim, os modos de pensar que condicionam o agir dos indivíduos em sociedade, surgindo do conflito de interesses das diferentes classes que fazem parte da base econômica da sociedade.

⁷ Marx concebe a sociedade dividida em duas classes antagônicas: proletários (trabalhadores que vendem o único bem que possuem, sua mão-de-obra, em busca de sobrevivência) e burguesia (detentores/donos dos meios de produção, constituindo a classe dominante e exploradora do proletariado).



Neste processo de criação, o homem constitui o objeto específico da arte, ainda que, nem sempre seja o objeto de representação da mesma. Estes, por sua vez, possuem relação com o homem, já que são dotados de algum tipo de significação social. Assim, ao refletir a realidade objetiva, o artista busca penetrar na realidade humana, revelando uma fração do real em sua relação com a essência humana. Indo do concreto real ao concreto artístico, a arte se faz conhecimento específico de uma realidade específica. “[...] o homem como um todo, único, vivo e concreto, transformando a realidade exterior, parte desta para fazer uma nova realidade, ou obra de arte” (VÁZQUEZ, 1978, p. 36).

3 RELAÇÃO ENTRE ESTÉTICA E REALIDADE

A relação entre a estética e a realidade se dá pela prática humana, enquanto esta ação faz do homem um ser histórico-social, capaz de transformar a natureza, criando um mundo segundo sua medida.

Quando Marx fala de prática, como relação originária entre homem e a natureza, refere-se a ação real, efetiva do homem sobre a natureza, a qual se manifesta sobretudo como produção material. Esta ação, que é transformação da natureza dada, não é exigida pura e simplesmente pela necessidade de subsistir, mas antes de tudo pela necessidade que tem o homem de afirmar-se como ser humano, e de manter-se ou elevar-se como tal. A prática é criação ou instauração de uma nova realidade interior ou exterior. O poder da criação explicita-se na criação de objetos humanizados e de sua própria natureza. O homem já é criador desde que produz os objetos que satisfazem necessidades humanas, isto é, desde que emerge de seu trabalho um produto novo, humano ou humanizado, que só existe por e para ele (VÁZQUEZ, 1978, p. 54).

Nesse processo criador, o homem encontra-se livre. Enquanto humano, o homem é necessitado de uma totalidade de manifestações de vida humana, ou seja, possui múltiplas necessidades humanas que não se restringem ao dinheiro. Pela relação estética do homem com a realidade explica-se toda a potência de sua subjetividade, de suas forças humanas essenciais, próprias de um indivíduo que, por essência, é um ser social. Na relação estética, o homem satisfaz a necessidade de expressão e afirmação, satisfação esta que se dá de modo deficitário em outras relações com o mundo. Assim, a obra de arte é instrumento de exteriorização, expressão e reconhecimento do sujeito criador: “Se o homem só pode se realizar



saindo de si mesmo, projetando-se fora, isto é, objetivando-se, a arte cumpre uma alta função no processo de humanização do próprio homem (VÁZQUEZ, 1978, p. 56).

Enquanto animal, o homem possui necessidades, e estas sempre são a necessidades de um objeto. Enquanto ser histórico-social, o homem faz de sua vida seu objeto: “Longe de inserir-se no objeto exterior insere este em seu mundo, retira o objeto de seu plano natural para fazer dele objeto de sua necessidade humana. [...] submete-o, vence-o e arranca-o de seu estado natural [...] para colocá-lo em um estado humano (VÁZQUEZ, 1978, p. 66). Assim sendo, a necessidade humana é o que faz do homem um ser ativo, e sua atividade é a criação do mundo humano, que não existe por si mesmo, fora do homem. O trabalho é a condição originária da liberdade humana que só possui sentido em sua relação com as necessidades humanas.

O indivíduo é um ser social. [...] Como consciência genérica o homem confirma sua vida social e apenas repete no pensar a sua existência efetiva, tal como, inversamente, o ser genérico se confirma na consciência genérica e, é na sua universalidade como ser pensante para si. O homem, por mais que seja, por isso, um ser indivíduo particular e, precisamente sua particularidade faz dele um indivíduo e uma coletividade efetivo-individual, é do mesmo modo, tanto a totalidade, a totalidade ideal, a existência subjetiva da sociedade pensada e sentida para si, assim como ele também é na totalidade, quanto uma totalidade de externalização humana de vida (MARX, 2004, p. 107-108).

Enquanto ser genérico, o homem busca realizar-se no trabalho que desenvolve. A atividade verdadeiramente humana é genérica, ou seja, aquela que o homem, diferente do animal, não produz de acordo com a necessidade de sua espécie, mas sim, livre de toda necessidade física, pondo-se em relação com este produto e com os demais homens. O homem, como um ser dinâmico, reproduz a si mesmo e constrói as bases relacionais que constituem sua vida. Tal reprodução é uma “autogeração” através da história.

É a necessidade humana que faz do homem um ser ativo. Sua atividade é a criação do mundo humano, que não existe por si mesmo, fora do homem. O trabalho é tido como a condição originária da liberdade humana que só possui sentido em sua relação com as necessidades humanas. No trabalho, sujeito e objeto encontram-se numa relação mediada. Entre o sujeito que produz e o objeto produzido está a imagem ideal a ser materializada num objeto concreto.

No fim do processo do trabalho, surge um resultado que, antes de começar o processo, já existe na mente do operário; isto é, um resultado que já possuía



uma existência ideal. O operário não se limita a modificar a forma da matéria que lhe é entregue pela natureza, mas, ao mesmo tempo, realiza nela sua finalidade, finalidade que ele sabe que domina como uma lei as modalidades de sua atuação e a qual deve necessariamente adequar sua vontade (MARX, 1999, p. 131).

A finalidade é a prefiguração ideal do resultado material que se pretende alcançar. Assim, o produto do trabalho humano é uma finalidade objetivada, fruto da transformação prática da realidade que fora transformada previamente pela ação da consciência. A necessidade humana que faz do homem um ser ativo, e sua atividade é a criação do mundo humano, que não existe por si mesmo, fora do homem. A atividade desenvolvida pelo homem é assim condição originária da liberdade humana e que só possui sentido em sua relação com as necessidades humanas. No trabalho, sujeito e objeto encontram-se numa relação mediata. Entre o sujeito que produz e o objeto produzido está a imagem ideal a ser materializada num objeto concreto.

4 A ALIENAÇÃO DO TRABALHO E DA ARTE

Arte e trabalho assemelham-se, pois estão ligados à essência humana. Ambas são atividades implicadas que resultam numa ação criadora de objetos que expressam, falam de seu e por seu criador. O trabalho pode e deve ser fonte de desfrute, instrumento de prazer, da realização das potencialidades físicas e espirituais humanas. O limite estabelecido pelo prático-utilitário que o trabalho impõe deve ser superado, passando-se do útil ao estético, do trabalho à arte. Assim, a arte como o trabalho, é criação de uma realidade na qual se plasmam finalidades humanas, sobressaindo-se sua utilidade espiritual, expressando o homem em sua plenitude, sem as limitações do produto do trabalho. Essa utilidade que aqui se fala, trata-se da capacidade de satisfazer não apenas das necessidades materiais, mas a humanização de tudo quanto o homem tocar, afirmando sua essência e reconhecendo o mundo objetivado, criado por si.

Entretanto, na sociedade capitalista⁸, a obra de arte é produtiva apenas quando destinada ao mercado, submetendo-se às exigências deste, às flutuações da oferta e

⁸ Para um estudo aprofundado da lógica interna na qual se estrutura a sociedade capitalista recomenda-se a obra: MARX, Karl. *O Capital: Crítica da Economia Política*, processo de produção



da procura. Enquanto produtor de obras de arte para o mercado, o artista se submete às regras do mercado, estando atento para atender a demanda do mesmo. Isso implica na falta de autonomia do artista em criar.

Produz-se uma espécie de alienação, já que se desnatura a essência do trabalho artístico. O artista não se reconhece plenamente em seu produto, pois tudo que cria como resposta a uma necessidade exterior é estranho, alheio a ele. Essa estranheza é total quando [...] esta atividade deixa de ser fim para se converter em meio de subsistência (VÁZQUEZ, 1978, p. 93).

Na obra de arte alienada sua essência é negada, não tendo a finalidade de satisfazer alguma necessidade humana, apenas a necessidade geral de expressão e afirmação no mundo objetivo. Nega-se assim a liberdade criadora, empobrecendo ou até perdendo-se a essência artística da obra produzida. Isso se deve, como Marx assinala nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844*, pelo fato da arte encontrar-se sob a lei geral de produção. “[...] o lugar de todos os sentidos físicos e espirituais passou a ser ocupado, portanto, pelo simples estranhamento de todos os seus sentidos, pelo sentido do ter” (MARX, 2004, p. 108). A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento que, quanto mais objetos o trabalhador produz, menos pode possuir e mais fica sobre o domínio do seu produto, o capital. O trabalho torna-se assim externo ao trabalhador, não pertencendo ao seu ser. O trabalhador não mais afirma-se no trabalho, mas nega-se nele.

Adorno observa que a *Indústria Cultural*⁹ encontra-se voltada única e exclusivamente para satisfação dos interesses comerciais dos detentores dos veículos de comunicação, que veem a sociedade como um mercado de consumo dos produtos por eles impostos, dando origem a um processo de massificação da cultura. “A cultura se funde com a publicidade na qual os motivos são meramente econômicos” (ROSIN, 2007, p. 61). O cinema, o rádio, as revistas passaram a constituir um sistema conjunto, onde cada parte é coerente em si mesma e compõe o todo.

A modernidade cultural não tem uma dinâmica que resista a tentativa de dominação cultural por parte do sistema. Todos os seres humanos tornam-se

do capital. Livro 1. Vol. I. Trad. Reginaldo Sant’Anna. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

⁹ Adorno cunha a expressão indústria cultural utilizada para demonstrar a exploração comercial da cultura por meios de comunicação modernos como o rádio e o cinema. Segundo o filósofo, a violência da sociedade industrial instaurou-se nos homens de uma vez por todas, porque até mesmo distraídos nós consumimos (cf. ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.113).



reprodutores desta lógica do comportamento de massa da indústria cultural, em todos os momentos da vida cotidiana, desde o trabalho ao lazer, ao descanso. Dessa forma, “[...] a produção e a reprodução da cultura pela padronização e racionalidade técnica seguem a lógica pela qual se pauta qualquer outro tipo de mercadoria” (ROSIN, 2007, p. 61). Horkheimer¹⁰ vai mais longe quando diz que o homem perde sua autonomia e sua capacidade de opor sua resistência ao crescente mecanismo de manipulação das massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofrerão redução. Esta dominação exercida sobre o homem se faz pela diversão, como instrumento de permanente inovação industrial, a fim de conservar a estrutura dominante existente. “Nada deve ficar como era, tudo deve estar em constante movimento. Pois só a vitória universal do ritmo da produção e reprodução mecânica é a garantia de que nada mudará, de que nada surgirá que não se adapte” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 126).

Vive-se o jogo da oferta e repressão. A razão é reduzida a total instrumentalidade, fragmentada a tal ponto que já não possa mais refletir sobre si, a fim de autofundamentar-se. Assim, Adorno afirma o desaparecimento no mundo de hoje das últimas reservas de racionalidade crítica:

O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que [...] tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais. [...] é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. [...] o terreno na qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economistas mais fortes exercem sobre a sociedade (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 114).

Percebe-se o princípio da estética idealista da arte burguesa: a falta de finalidade para os fins determinados pelo o mercado. Tudo tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo. “As particularidades do eu são mercadorias monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo de natural” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 126). O valor de uso da arte, seu ser, é assim considerado como um fetiche, fazendo da cultura uma mercadoria e os homens apenas clientes e empregados. “As pessoas consomem

¹⁰ Max Horkheimer (1895-1973) foi um filósofo alemão, “[...] herdeiro da filosofia clássica alemã e do marxismo, procura pô-los em prática e, principalmente, submeter aprova, ao menos para conseguir uma transformação pré-concebida da sociedade, do que para questionar sua reprodução idêntica e seu aprofundamento no sofrimento e no sangue” (HUISMAN, 2001, p. 509). Horkheimer desenvolveu sua reflexão conjuntamente com Adorno, fazendo parte da Escola de Frankfurt.



compulsivamente e em ritmo alucinante na esperança de alcançar os atributos que a publicidade, no seu ideal de beleza utilitária, vincula ao prazer, à felicidade, à satisfação, etc” (ROSIN, 2007, p. 61).

Para Adorno, com a reprodução da arte ocorreria uma descaracterização e uma perda de autenticidade da obra. Cultura de massa para ele significa cultura do entretenimento. Na concepção de Adorno e Horkheimer a indústria cultural reproduz os elementos característicos do mundo industrial moderno e cria condições cada vez mais favoráveis para a introdução de seu comércio “fraudulento” e alienante. A indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e decidir conscientemente. Ela [indústria cultural] acaba por colocar a imitação como algo absoluto, alienando o ser humano e neutralizando suas capacidades criativas, tornando-o escravo do mercado. A padronização visa uniformizar a vida nos padrões da racionalidade técnica, eliminando as diferenças (cf. ROSIN, 2007, p. 61) Aquele que sonha, idealiza um trabalho artístico, não lhe é concedido o direito de exteriorizar suas capacidades criativas sem que estas estejam a serviço da lógica capitalista de produção e consumo, visando a propagação dos valores e ideais da sociedade de consumo.

Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico. Tudo vem da consciência [...]; na arte para as massas, da consciência terrena das enquetes de produção (ADORNO; HORKHEIMER, 1985 p. 117).

Mas, mesmo sob o regime capitalista, o artista busca escapar da alienação, pois uma arte alienada é a própria negação da arte. O artista que submete sua arte à alienação torna-se um trabalhador assalariado, convertendo sua obra em mera mercadoria à ser exposta nas prateleiras das lojas do grande mercado como mais um produto entre muitos outros. Perde-se a necessidade interior de expressar-se, afirmando a essência humana e social imprimida na forma. O trabalho artístico na sociedade capitalista faz desta atividade uma mera forma de subsistência. Onde advém essa alienação? Esta se, constitui antes de mais nada, com uma alienação econômico-social que só terá seu fim a partir de uma mudança nas relações sociais, através da qual o trabalho recobre seu verdadeiro sentido humano, fazendo da arte fonte de satisfação da necessidade espiritual e não um mero meio de subsistência física e material.



O homem alienado não busca mais como objetivo de sua ação produtiva a satisfação de suas necessidades primeiras e essenciais. Seu desejo há muito fora tomado pelo ideal de se tornar um “cidadão consumidor” no grande mercado. Além de não se realizar, reconhecer, exteriorizar e objetivar naquilo em sua obra, o artista, não mais sujeito, mas sim objeto, já que não tem autonomia sobre o que produz e aos poucos vai perdendo a total ligação com o produzido. O homem coisificado e instrumentalizado é regido inteiramente pela lógica das coisas. “O indivíduo vive iludido numa aparente liberdade, pois é fruto de uma pseudo-individualidade que confirma sua própria eliminação” (ROSIN, 2007, p. 63).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marx entende que a essência do homem está no trabalho, meio pelo qual este [homem] se realiza. Sua crítica concentra-se na exploração do operário que se torna escravo dos meios de produção pertencentes a classe dominante. Assim, o trabalho torna-se externo ao operário, não pertencendo ao seu ser. O operário não mais se satisfaz com aquilo que faz, mas torna-se um ser infeliz que tem seu corpo e espírito desgastados. A atividade desenvolvida torna-se algo totalmente estranho à sua essência. A arte é entendida como fonte, instrumento de exteriorização humana, meio de satisfazer as necessidades espirituais do homem, forma de transmitir conhecimento, instrumento de objetificação da personalidade, desejos, sentimentos e valores humanos.

Enquanto ser dinâmico, o homem reproduz a si mesmo e constrói as bases relacionais que constituem sua vida. Tal reprodução é uma “autogeração” através da história. No momento em que o homem deixa de ser um ser de objetivação, de transcendência de si mesmo, que se efetiva na atividade que realiza, e aqui tratamos especificamente da arte, ele acaba como o animal, um ser que só consegue ver os objetos segundo a necessidade material e fisiológica que possui.

Na diversão os homens reproduzem, através da lógica interna do capitalismo, enquanto senhor da dominação, o processo do trabalho que desenvolvem, na busca pela felicidade. Nesse processo, o prazer se transforma em aborrecimento. O riso, a alegria, torna-se meio fraudulento de ludibriar a felicidade. O corre uma fusão entre a



arte o entretenimento, resultando numa grande depravação da cultura que prioriza a distração, abandonando as necessidades espirituais do ser humano. O homem, segundo Adorno e Horkheimer, perde sua autonomia e sua capacidade de opor sua resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofrerão redução.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. *Teoria estética*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

GUIMARÃES, Antônio M. *Dicionário de termos marxistas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

HUISMAN, Denis. *Dicionário dos filósofos*. Trad. Claudia Berliner, Eduardo Brandao, Ivone Castilho Benedetti Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política, processo de produção do capital*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. J. Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

ROSIN, Nilva. *Arte e racionalidade: estudo sobre a superação da racionalidade instrumental em Adorno e Horkheimer*. Passo Fundo: IFIBÉ, 2007.

VÁZQUEZ, A. Sanchez. *As ideias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Recebido em: 12 de abril de 2018.
Aceito em: 25 de junho de 2018.